

---

# Uma fantasia cristã: o *Somnium* de Juan Maldonado

Alfredo Cordiviola

## *Resumo*

*Este ensaio apresenta uma leitura do Somnium escrito em latim pelo professor de humanidades Juan Maldonado na década de 1530. Seguindo uma consagrada tradição literária que remete ao "Somnium Scipionis" de Cícero, Maldonado visita a Lua e as mais remotas regiões da terra, e aproveita as possibilidades que são oferecidas ao viajante para confrontar culturas e para exercer a crítica social. No Somnium, América surge numa visão idealizada que remete às formulações do gênero utópico, e dialoga com os projetos e aspirações dos propulsores da evangelização americana como Bartolomé de Las Casas e Francisco de Vitória.*

*Palavras-chave: literatura hispano-americana colonial; evangelização; utopia.*

Em "Historia dos dois que sonharam", Borges (1986, p. 338) refere um caso extraído das *Mil e uma noites*. No Cairo, um homem recebe em sonhos a notícia de que há em Isfaján, na Pérsia, um tesouro a sua espera. O homem decide dar crédito ao anúncio, e após incontáveis semanas e privações, consegue chegar a seu destino. Em Isfaján, ao ser confundido com um ladrão, é encarcerado e castigado duramente. Quando interrogado pelo capitão sobre os motivos que o trouxeram para a cidade, ele prefere não mentir e refere o presságio. Sua confissão provoca as gargalhadas do capitão, que o admoesta sobre a inutilidade de acreditar em sonhos. Ele mesmo, o capitão, também costumava sonhar com um jardim no Cairo, onde havia um relógio de sol, e uma figueira, sob a qual jaziam ocultas grandes riquezas, mas, como era prudente e incrédulo, jamais tinha dado importância ao assunto. Ao ouvir a descrição do jardim, o atribulado homem compreende que se trata do seu próprio quintal. Volta ao Cairo, cava um buraco junto da figueira, e encontra finalmente o seu tesouro (BORGES, 1986, p. 338).

Nesta estória de vaticínios encontrados, parcialmente falsos, parcialmente verdadeiros, dois sonhos distantes (atendido um, ignorado o outro), criam uma correspondência que os situa numa outra ordem, segundo a qual o fortuito se transforma em necessário e dois fatores isolados e alheios se encaixam numa seqüência causal. Nas páginas que seguiremos falaremos de outros dois sonhos, também distantes e apenas levemente vinculados – não pelo acaso nem pelo destino, mas pela tradição literária, por um comentário e por um mapa. O primeiro sonho foi escrito no século I a.C., o comentário, no século V (quicá VI) da nossa era. O mapa foi impresso em 1483; o segundo sonho foi publicado em 1541.

Escrito por Cícero (1966) em 54 a.C., o *Somniun Scipionis* está incluído em sua obra *De re publica*. Enquanto dormia, exausto, Cipião recebe a visita do seu falecido avô, o heróico Africano, que haverá de ser seu guia numa viagem pelos céus. O *Somniun* narra em primeira pessoa essa viagem empreendida por ambos os soldados, que os leva de Cartago, onde Cipião dormia, rumo às esferas estelares. Amparados pela dupla distancia que os afasta da vigília e da terra, os viajantes aproveitam o percurso para discutir sobre a vaidade das ambições humanas, a minúscula, irrelevante posição do homem no universo, e o estreito cárcere chamado corpo, onde as almas eternas buscam fugaz refúgio. O Africano, que por morto e por sábio possui o dom de antever o futuro, anuncia a glória de Cipião e a ruína de Cartago, mas avisa que toda fama é ilusória, e restrita apenas a uma pequena porção do pequeno mundo.

Diante do infundável universo, onde as esferas giram em variada e medida consonância, os feitos humanos (mesmo os mais virtuosos, mesmo aqueles capazes de mudar a história do império mais poderoso do mundo) estarão sempre limitados a uma determinada região, e certamente sujeitos ao esquecimento. Quando observado das alturas,

todo o humano parece insignificante, não apenas em comparação com a grandeza das regiões astrais, mas também com relação às dimensões do próprio planeta, habitado “apenas em raros e estreitos lugares”, que são “como pequenas manchas entre vastas solidões”. O mundo pode parecer apenas um ponto quando visto em perspectiva, mas, mesmo sendo um ponto, é suficientemente imenso para dissolver e tornar passageiros os ecos da fama. Para sustentar esta afirmação, o Africano apresenta uma descrição do planeta que, paradoxalmente, teria uma dilatada repercussão, e serviria para traçar os contornos de uma hipotética geografia do mundo, segundo a qual o planeta aparece dividido em três faixas:

A Terra, bem vês, está como que cingida e circundada por faixas: as duas mais afastadas entre si, assentadas de um lado e de outro contra os pólos do céu, são cobertas de neve, a do meio e maior arde sob os raios do sol. Duas são habitáveis: mas os íncolas da que fica ao sul, têm os pés voltados contra os vossos e não pertencem a vossa raça: a outra fica exposta ao aquilão; e é a que habitais; mas repara que exígua parte vos pertence. Essa porção da terra em que viveis, mais apertada no vértice e mais larga para os lados, é como uma ilha cercada pelo mar que apelidais Atlântico, o Grande Mar, o Oceano, o qual bem vês como é pequeno para tão grande nome. E nessas mesmas terras conhecidas e cultivadas, por ventura teu nome ou o de qualquer de nós pôde transpor o Cáucaso ou a torrente do Ganges? Nas outras regiões remotas do Oriente ou do Ocaso, do Norte ou do Sul quem ouvirá teu nome? Feita abstração delas, estás vendo em que estreitezas poderá vossa glória dilatar-se. E esses mesmos que hoje falam de vós, por quanto tempo falarão? (CICERO, 1966, p. 112).

Durante a Idade Média, presumia-se que *De re publica* havia sido extraviada, salvo por uns poucos fragmentos e pela passagem que narra o sonho de Cipião. A supervivência e a ulterior notoriedade do sonho se deveram em grande parte a um comentário escrito no século V ou VI por Aurélio Teodósio Macróbio. Em *In Somnium Scipionis expositio*, Macróbio afirmava a existência de outras ilhas nas regiões austrais do planeta, habitadas quiçá por alguma outra espécie de homens, pertencentes a uma outra raça, segundo a hipótese de Cícero. Alguns séculos depois, um mapa foi feito a partir destes comentários. O mapa, impresso pela primeira vez em 1483, mostra uma esfera ocupada em grande parte pelas águas, e duas enormes massas de terra situadas em extremos opostos. Na zona superior da esfera, aparecem as três partes conhecidas do mundo, a Europa, a Ásia e a África, esta última limitada apenas a uma faixa alongada e dividida pelo trópico. A zona inferior da esfera é coberta por uma gigantesca ilha de superfície contínua e vagos contornos. Seria essa a eventual quarta parte do mundo, imaginada como uma réplica fantasmática do orbe conhecido. Completamente circundada pelas águas, a terra antípoda é maior, mais compacta e uniforme do que as regiões setentrionais, e, a diferença destas, onde se reconhecem claramente as costas mediterrâneas e parte

da atual Índia, não apresenta nenhum acidente geográfico distintivo. É puro volume, pura conjectura localizada, como na visão de Cícero, no pólo oposto do céu.

Sonho dentro de um outro sonho, projeção geográfica criada pela especulação, a dúvida, e o terror ao vazio, no mapa de 1483 a quarta região do mundo marca o vazio do seu próprio rastro, a mudez da sua solitária, inquestionável presença dentro da esfera terrestre. O mapa retoma, e confirma mais uma vez, a tese, consagrada pela tradição clássica, da existência de terras extensas e incógnitas no hemisfério sul.<sup>1</sup> Terras que até esse momento tinham seu lugar garantido na imaginação, mas apenas enquanto imagem invertida, desenho oco, mancha no espaço, superfície virtual em perpétuo estado de inacessibilidade. Faltavam ainda algumas décadas para que, depois de Colombo e Vespúcio, essas vislumbradas e remotas fronteiras começassem a ganhar outros significados, outras formas, outras proporções.

À medida que notícias, achados e conquistas iam determinando e preenchendo os contornos dessa quarta região, outros sonhos estavam sendo sonhados. América – as muitas realidades desvendadas ou ocultas por esse nome – surge como local propício onde o imaginário europeu pode vislumbrar espaços e tempos diferentes, alternativos. A região parece oferecer não apenas um orbe novo e ilimitado, onde proliferam Eldorados e mundos de abundância, mas também a possibilidade de fundar novas formas de organização social. Impulsionadas por aspirações utópicas e reformistas, e pela nostálgica visão que pretende recuperar um convívio pautado pela moral cristã, que na Europa se dava por definitivamente perdido, as experiências teocráticas se multiplicam em território americano ao longo dos séculos XVI e XVII. América parece servir como campo de reflexões teóricas e experimentações práticas para testar os limites das propostas dos humanistas católicos da Renascença como Motolinía, Vasco de Quiroga ou Las Casas. Nessa dilatada trama de discursos que discutem os percursos e as condições de evangelização das Índias, aparece um sonho, mais um sonho: aquele escrito, também em latim, em 1532 (e publicado em 1541) pelo professor de humanidades Juan Maldonado.<sup>2</sup> Autor de uma comédia, de heterogêneos tratados escolares e opúsculos de circunstância, Maldonado (1485-1554) ocupa vários cargos eclesiásticos e acadêmicos em Burgos, cidade em que reside durante a maior parte da sua vida, e onde são publicadas suas obras entre 1535 e 1549. Discípulo de Erasmo e divulgador das idéias humanistas que teriam tanta repercussão na Espanha e na América durante o século XVI, o autor partilha as tarefas e inquietações dos intelectuais que, sob a influência do círculo propulsado por Juan e Alfonso de Valdés nos primeiros anos do reinado de Carlos V, reservam às virtudes persuasivas da palavra escrita uma função central no projeto de reforma moral da sociedade.

<sup>1</sup> Sobre Macróbio, estou seguindo aqui o já apontado por Edmundo O'Gorman (1992), no seu clássico *A invenção da América*.

<sup>2</sup> *Ioannis Maldonati quaedam opuscula nunc primum in luce edita*, Burgos, Juan de Junta, 1541. As citações se referem à tradução espanhola do *Somnium* cuja referência aparece na bibliografia.

Como o de Cícero, como as visões satíricas de Luciano de Samosata, o *Somnium* de Maldonado (1981) postula o artifício retórico da viagem feita durante o sono como modo de observação privilegiada das realidades sociais.<sup>3</sup> O recurso ao sono como estratégia narrativa garante, como nos precedentes clássicos, a verossimilhança, e permite postular duas realidades paralelas que se contrapõem e completam, que se espelham e ao mesmo tempo divergem, instaurando assim uma série de oposições (terra/céu, alto/baixo, próximo/distante, grandeza/pequenez, visão/imaginação, corpo/imagem, mortal/eterno etc.) que determinam o relato. Esses binarismos por sua vez aparecem balizados pelo contraponto das vozes dos dois personagens, o narrador e sua guia, que articula o texto em forma de diálogo, gênero consagrado pela tradição e amplamente cultivado na Renascença.

No *Somnium*, o narrador gasta a madrugada observando as luzes noturnas, à espera da passagem de um cometa, até ser vencido pelo sono. Adormecido, recebe a visita de uma distinta mulher, María de Rojas, filha de Diego Osorio, corregedor de Córdoba e protetor de Maldonado. Como o Africano no sonho de Cícero, María de Rojas estava morta, e seria a encarregada de guiar o narrador na sua viagem pelos astros. Como é sabido, a celeridade nos deslocamentos e as comodidades do transporte são algumas das vantagens de viajar em sonhos. Assim, os alados exploradores partem de Burgos, e, em instantâneo vôo, avistam a Espanha toda, a Inglaterra, a França e a África, maior e mais populosa do que nos cálculos de Ptolomeu. América aparece fugazmente (Maldonado (1981, p.156) a chama "as novas ilhas", "aquella franja de tierra que ya empieza a extenderse entre el occidente y el austro"), mas os apressados viajantes têm primeiro um outro objetivo, a Lua. Ali encontram mares e continentes, árvores, flores e frutos, até que chegam a uma grande cidade, protegida por sete muralhas, e profusa em templos e torres. Os habitantes da cidade são jovens, moças e rapazes que dançam e cantam melodiosamente, ou se banham nus nas cristalinas águas de um lago. São íntegros, simples e puros; como María de Rojas afirma, "En suma, son las virtudes las que reinan allí y las que dominan lo mismo en los hombres que en las mujeres. No hay envidias ni discordias; allí, finalmente, todos los vicios están descartados y prohibidos" (MALDONADO, 1981, p. 163).

María deixa entrever que nas outras esferas – Vênus, Marte, Saturno – haveria sociedades ainda mais harmoniosas e pessoas ainda mais felizes. Mas o conhecimento desses mundos estaria além das possibilidades de compreensão dos mortais, e, por isso, Maldonado deve retornar, e descer outra vez rumo à terra. No caminho de volta encontram o Mediterrâneo, as fontes do Nilo e o Oceano, mas, obedecendo às ordens da sua guia, o narrador não se detém até chegar ao seu destino, "aquella parte del globo terráqueo que está al otro lado de España y cuyos habitantes son vuestros antípodas" (MALDONADO, 1981, p.166). Até ali, segundo confirma a ilustre

<sup>3</sup> Em "The dream of Spanish Empire: Juan Maldonado's *Somnium* (1541)" (CARRILLO; COROLEU, 2000), Jesus Carrillo e Alejandro Coroleu percorrem as leituras do *Somnium* de Cícero durante o medievo, e enfatizam o posterior enfoque antialegórico privilegiado pelos humanistas, como Juan Luis Vives e Pere Oliver, a partir do século XV. Devo ao amigo Alejandro Coroleu a primeira notícia que tive sobre a existência do *Somno* de Maldonado.

María, "llegaron vuestros navegantes, que no les entregaron la fé cristiana inutilmente. Anda pues; hallarás gentes felices, sencillas, no corrompidas por el error ni trastornadas por las pasiones" (MALDONADO, 1981, p. 166).

É nesta região das antípodas, aquela vasta massa indiferenciada que ocupava as partes inferiores do mapa inspirado em Cícero e Macróbio, onde María e Maldonado se separam. María se transforma numa estrela brilhante e volta a ocupar seu lugar nas "orbes celestes". Então, o sonhador, que ainda está sonhando, encontra uma outra cidade, tão populosa quanto aquela da Lua. Um ancião se oferece para guiá-lo, enquanto vai descrevendo os modos de vida daqueles habitantes. Assim como a comunidade da Lua se oferecia como espelho invertido das misérias terrestres, enfatizando antagonismos entre mundos inferiores e superiores, a cidade americana vai surgindo também como o reverso da Europa, como um território natural incontaminado pela maldade, cujas regras parecem ajustar-se às virtudes da vida retirada enumeradas nas odes de Horácio ou Fray Luís de León. Mas haveria uma diferença entre os povos da Lua e da América: estes últimos conhecem a verdadeira religião, e "se dan a sí mismos el nombre de cristianos" (MALDONADO, 1981, p.172).

Estes seres americanos, devotos e puros, cumprem todos os requisitos propostos por utopistas e sonhadores. Desconhecem a malícia, gozam de uma relativa liberdade sexual (a nudez e as carícias são consideradas honradas; porém, antes do casamento, os amantes "tan sólo dan gusto a sus ojos, o, si les place, a sus manos" (MALDONADO, 1981, p. 176), respeitam as leis (os juízes são as criaturas mais ociosas, pois não existem criminosos nem réprobos), vivem isolados e em abundância; entre eles não há propriedade privada, nem pobres, pois a terra lhes garante o sustento, e as riquezas naturais são distribuídas equitativamente. Essa ordem está baseada na observância dos preceitos de Cristo, trazidos a essas partes pelos espanhóis.

Na mitologia da catequização, invocada pelas ordens religiosas encarregadas de doutrinar os indígenas durante o século XVI, era comum atribuir ao próprio Santo Tomás a responsabilidade pela primeira propagação da fé católica em terras americanas. Outra lenda – comum nas Américas portuguesa e espanhola – falava de um misterioso homem barbado que teria vindo do outro lado do mar para ensinar os rudimentos da agricultura e as virtudes da verdadeira religião (HOLANDA, 1969, p. 104-125). Mas Maldonado (1981), em lugar de situar o acontecimento da revelação no início da evangelização, ou em alguma época remota, afirma que a Palavra chegara apenas dez anos antes, isto é, supostamente em 1522, o ano posterior à queda de Tenochtitlán. Três meses teriam passado os navegantes espanhóis ensinando os princípios da religião, até que a discórdia tomou conta deles. Numa clara antecipação do que aconteceria a partir de 1532 no Peru dos Pizarros e Almagros, alguns destes espanhóis

escolheram o caminho do recíproco extermínio, enquanto outros se perdiam pela via dos prazeres. Em consequência disto tudo, as armas, as extravagâncias e a disenteria acabaram com os estrangeiros. A semente, de toda forma, já estava plantada: o cristianismo tinha sido definitivamente adotado por aqueles prudentes habitantes das antípodas.

É a partir desta dupla condição do espanhol (mensageiro de Deus e força destruidora e fatal) que o *Somnium* se insere nos debates que estavam sendo travados durante aquelas décadas de 1530 e 1540, relativos às condições de convivência entre espanhóis e americanos, e às possibilidades que o continente oferecia para a renovação dos ideais cristãos. Lembremos que é precisamente nesses anos quando se definem discrepantes posições a respeito das políticas a serem implementadas na conversão dos indígenas. *Demócrates segundo, o de las justas causas de la guerra contra los índios* de Juan Ginés de Sepúlveda, é de 1533, enquanto que Francisco de Vitória pronuncia as *Relecciones sobre los índios*, entre 1532 e 1539.<sup>4</sup> Sepúlveda e Vitória encarnam as duas figuras antagônicas do debate jurídico sobre a licitude da conquista e sobre os métodos mais adequados de doutrinação. Promovido pela difusão das idéias humanistas, e oficializado pelo imperador Carlos V nas célebres disputas de Valladolid em 1550-1551, esse debate, que seria retomado na *Apologética Historia* de Las Casas, nas cartas de Fray Andrés de Olmos e no *Colóquio de los doce* de Sahagún, teve grandes repercussões na política colonial, e abriria o caminho para algumas das experiências mais radicais de cristianismo social na América.

Contra Sepúlveda, que invoca os poderes da guerra como instrumento legítimo e eficaz de conversão, teólogos e missionários como Vitória e Las Casas confiam nos benefícios da persuasão, e na possibilidade de fundar comunidades relativamente autônomas, regidas pela prática religiosa e tuteladas pelos evangelizadores. Estudando as propostas surgidas (em particular a partir da experiência mexicana) entre 1513 e 1577,<sup>5</sup> Fernando Ainsa (1992) aponta algumas das recorrências que articulam os discursos reformistas do cristianismo social:

La crítica del modelo histórico vigente, lo que permite justificar la legitimidad del modelo alternativo propuesto.

La nostalgia del tiempo primordial, cuyas notas originales se pretende reinstaurar.

La propuesta de un sistema autárquico y aislado, de explotación artesanal y agrícola de tipo colectivo de la que ha sido erradicada la noción de lucro.

Estructuración de un sistema homogéneo y pretendidamente más justo e igualitario donde reglamentos de fuerte inspiración ética rigen los mínimos gestos de la vida cotidiana (AINSA, 1992, p. 145).

<sup>4</sup> As *Relecciones* de Francisco de Vitória seriam publicadas mais tarde, em 1552.

<sup>5</sup> Nesse ano de 1577 é confiscada a obra de Sahagún, e se proíbe que "persona alguna escriba cosas que toquen a supersticiones y manera de vivir que estos índios tenían, em ninguna lengua..." (AINSA, 1992, p. 131-160).

Estas formulações, que reúnem desejos utópicos, críticas veladas ou frontais à administração colonial e políticas específicas a cada situação, dariam lugar a experiências (como a reserva de Vera Paz em Chiapas, os Hospitales-Pueblo do bispo Quiroga ou os aldeamentos jesuítas da América do Sul) muito diversas entre si, mas que de alguma forma concordam na necessidade de fundar “repúblicas cristãs” na América. Franciscanos, dominicanos, agostinianos e jesuítas estarão empenhados em criar essas “repúblicas”; livres da ingerência dos colonos, e com plena jurisdição sobre os indígenas, os religiosos poderiam assim recuperar os modos de vida de um imaginado cristianismo primitivo, baseado na frugalidade apostólica e na docilidade e predisposição dos americanos. Para estes missionários, esse parece ser o único caminho para garantir a perduração da conversão: um caminho esboçado na fábula de Maldonado.

Na constelação de projetos, polêmicas e políticas suscitadas pela convivência de europeus e indígenas em terras americanas, é possível considerar o *Somniun* como uma nota de rodapé apenas, um exercício retórico e digressivo de um professor quiçá entediado das suas obrigações acadêmicas. Na hora de sonhar, Maldonado tinha propósitos que o distanciavam das preocupações etnográficas dos cronistas e das aspirações dos missionários. No *Somniun*, América é um nome, uma pura ficção que, como um remoto espelho, serve de pretexto para falar da sociedade espanhola, criticar os vícios dos tempos que correm, e propor outras moralidades. Mas, mesmo nessa confrontação quase abstrata entre mundos reais e mundos ideais, aparece a preocupação com o papel histórico que tocava desempenhar ao espanhol nos domínios ultramarinos. As contradições inerentes a esse papel estão no cerne dos conflitos entre missionários e colonos e das polêmicas entre teólogos, e surgem como consequência dessa dupla condição do espanhol como portador ao mesmo tempo da revelação e da destruição.

No *Somniun*, os anônimos espanhóis levam a Palavra, criam as condições para o estabelecimento de uma comunidade autenticamente cristã, mas promovem a discórdia e acabam desaparecendo. Maldonado, contudo, sabe que esses podiam ser os primeiros, mas não os últimos espanhóis a chegar a essa terra, e revela a seu sábio guia as formas do mais imediato futuro:

Los españoles, que ya ocupan parte del país colindante, llegarán pronto hasta aquí y no dejarán que ignoréis nada. Entretanto, rogado al Señor todopoderoso, para que guarde intacta vuestra sencillez y vuestra pureza (MALDONADO, 1981, p. 177).

Há algo de sombrio nesse anúncio, nessa certeza inelutável da presença espanhola que, para as décadas de 1530 e 1540, era já irreversível e definitiva. Uma presença capaz de aportar conhecimento, mas também a ameaça da dissolução do estado de inocência. Enquanto nos projetos dos missionários se afirmava a necessidade da doutrinação (uma necessidade fundamentada pelo mandato divino, e



pela própria disposição dos indígenas para desejar espontaneamente a salvação), Maldonado (1981) parece advertir que a chegada do espanhol não é o ponto de partida para a fundação da nova ordem cristã, mas o momento que marca o começo do fim da utopia. "Entretanto, rogado al Señor todopoderoso, para que guarde intacta vuestra sencillez y vuestra pureza", diz o viajante, com a melancólica suspeita de quem prevê que as súplicas dificilmente serão atendidas.

É nesse momento, já próximo da interrupção da viagem e do despertar, quando o *Somnium* adquire o tom elegíaco e inútil de quem lamenta a perda de algo que se sabia perdido de antemão. Se na profusa história dos que sonharam, esse lamento pode parecer inócuo e retórico, na longa trama de discursos e devaneios utópicos inspirados pelo continente americano (a longa, sinuosa trama meticulosamente descrita por Alfonso Reyes em *Última Tule*), os simples e puros cristãos de Maldonado, habitantes daquela faixa de terra entrevista por Cícero e conjecturada pelos cartógrafos, protagonizam apenas uma ficção menor, uma ficção que serve, contudo, como comentário dos conflitos que pontuam a história da colonização espanhola no século XVI. Nessa história, o *Somnium* se inscreve como uma fantasia sobre a felicidade perdida, esse tipo de felicidade que se desvanece como se desvanecem os sonhos, quando os olhos começam a abrir-se.

### *Abstract*

*This essay focuses on Juan Maldonado, a Spanish Renaissance scholar who, following the literary tradition of Cicero and Luciano, wrote a dream, the Somnium, in which he visits the moon and the most remote regions of the earth. Dream traveling usually offers the possibility of social criticism and cultural comparison, and in the Somnium, written in latin in the 1530s', Maldonado presents an idealized vision of America and its inhabitants, a vision which dialogues with the proposals of the utopists and the projects and aspirations of the religious thinkers of the American evangelization like Bartolomé de Las Casas and Francisco de Vitoria.*

*Keywords: latin-american colonial literature; evangelization; utopia.*

---

## Referências

- AINSA, Fernando. *De la Edad de Oro al Eldorado: génesis del discurso utópico americano*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- BORGES, Jorges Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1986.
- CARILLO, Jesus; COROLEU, Alejandro. The dream of the Spanish Empire: Juan Maldonado's somnium (1541). *Albertiana*, Paris, v. 3, p.141-156, 2000.
- CÍCERO. Somnium Scipionis. In: PEREIRA, Leopoldo. *Poetas e prosadores latinos: idéias da Antigüidade*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. p. 107-114.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Um mito luso-brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969. p. 104-125.
- MALDONADO, Juan. Somnium. In: AVILÉS, Miguel. *Sueños fictícios y lucha ideológica en el Siglo de Oro*. Madrid: Ed. Nacional, 1981. p.149-178.
- O'GORMAN, Edmundo. Segunda parte: o horizonte cultural. In: \_\_\_\_\_. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 69-96.
- REYES, Alfonso. Última tula. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1960. v. 9.
- ZEA, Leopoldo (Org.). *El descubrimiento de América y su sentido actual*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.